

MUSEU DA PESSOA

História

10 coisas que aprendi com o meu pai: Pedro Puccetti Neto

História de: [Ana Helena Puccetti](#)

Autor: [Ana Helena Puccetti](#)

Publicado em: 12/07/2011

História completa

10 coisas que aprendi com meu pai: 1. Aprendi logo cedo, ainda com uns seis anos de idade, que partindo de São Paulo até qualquer lugar dá pra ir de carro: São Paulo à Bento Gonçalves, de São Paulo ao Aconcagua, de São Paulo à Salvador. 2. Aprendi que viajar é sempre bom: de trem, de navio, de avião, de Chevrolet 51. 3. Aprendi a gostar do Adoniran Barbosa e cantar trem das onze. 4. Aprendi a pagar as minhas contas em dia e não cair no cheque especial. 5. Aprendi a apagar as luzes quando saio de um aposento. 6. Aprendia a gostar de pão fresquinho com a casquinha crocante. 7. Aprendi a calibrar os pneus e verificar a água e o óleo. 8. Aprendi a rezar. 9. Aprendi a comer Panforte de Siena em Siena. 10. Aprendi que manter uma casa bonita e confortável requer manutenção constante. Outras coisas que aprendi com meu pai são mais complexas, conto as histórias com o que ficou de lição: Lembro que, no meu aniversário, todos os anos, meu pai me dava flores. Era sempre um buquê de rosas. Eu adorava receber aquele buquê. Fazia eu me sentir especial. Uma mulher. Eu ainda era menina, depois adolescente, depois mãe de dois filhos e sempre esperava pelo buquê de rosas do meu pai. Com esse gesto meu pai me ensinou a tratar as pessoas com gentileza. Lembro também que tinha um boteco na Av. Nova Cantareira onde meu pai me levava para comer codorna frita ou assada. Lembro dos passarinhos esturricados. Como surgiu esse programa gastronômico de pai e filha? Meu pai não come frango de jeito nenhum.. Com esse gesto, meu pai me ensinou a provar as coisas diferentes do mundo sem medo. Lembro de uma vez que estávamos em Ubatuba com o meu pai e a minha nona. Por alguma razão excepcional, minha mãe não estava conosco na praia. Minha nona Emilia estava bem velhinha e com alguma dificuldade de entendimento, prenúncio da doença que, anos depois, iria levá-la embora pro céu. Eu devia ter uns dez, onze anos. Não ajudava em nada na casa. Nem eu, nem meus irmãos. Minha nona velhinha fazia tudo pra gente. Cozinava, lavava a louça, arrumava a casa. Que vergonha lembrar disso me dá agora. Uma noite, ela fritou os bifês e colocou açúcar ao invés de sal. Eu dei risada. Reclamei da comida. Ouvi o que merecia. Foi uma das poucas vezes na vida que lembro de ter visto meu pai realmente bravo. Com esse gesto, meu pai me ensinou a respeitar os mais velhos e a enxergar a dor do outro. No ano passado, em janeiro, chegamos ao pronto socorro, meu irmão, minha mãe e eu, levando o meu pai, uma fortaleza de 110 Kg abatido e atordoado pela meningite ainda não diagnosticada, sem saber que algumas horas depois ele entraria em coma e sairia do hospital, dois meses depois, quinze quilos mais magro. Foi uma batalha das mais violentas, travada silenciosamente dentro do seu corpo entre a doença e a vontade de viver. Meu pai lutou como um herói zen. Com uma calma e um bom humor impressionantes e comoventes. Amarrado na cama, delirando, nos momentos de lucidez sorria e respondia com serenidade as perguntas dos médicos. Não xingou ninguém nenhuma vez, não jogou nada no chão, não esmoreceu, não desanimou, não perdeu a paciência. Ao contrário das previsões dos médicos, foi se recuperando, saiu da UTI, voltou a andar pelos corredores do hospital, e hoje caminha de novo pelo Horto, vai ao Clube do Chevrolet, faz sudoku e viaja em companhia da família como sempre fez. Com esse gesto de bravura, meu pai me ensinou que, custe o que custar, a vida vale a pena. (História enviada em julho de 2011)